

O trabalho feminino no espaço doméstico: gênero e classe no *Jornal das Famílias*

Daniela Magalhães da Silveira*

RESUMO

O século XIX brasileiro contou com uma diversidade bastante grande de periódicos dedicados ao sexo feminino. Tanto aqueles escritos por e para mulheres como os que apenas buscavam o público feminino como leitor e consumidor. O *Jornal das Famílias* (1863-1878), embora tenha contado com algumas colaboradoras, recebeu um grande número de seções assinadas por nomes masculinos. Dentre os principais colaboradores dessa revista, o jovem Machado de Assis ganhou destaque ao longo dos anos. Uma das discussões presentes naquelas páginas e também nos contos escritos por esse literato diz respeito ao trabalho feminino. A partir de visões diferenciadas sobre o mesmo tema, o periódico permitia que suas leitoras pudessem formar as próprias opiniões sobre essa novidade: a inserção das mulheres no mundo do trabalho.

Palavras-chave: Machado de Assis; *Jornal das Famílias*; trabalho feminino; escritoras; leitoras.

ABSTRACT

In the 19th century, a wide diversity of periodicals dedicated to female readers was published in Brazil. Some of them were written by and for women, while others merely aimed at a female audience of readers and consumers. Although the *Jornal das Famílias* (published between 1863 and 1878) had its share of female contributors, a large number of its sections was written by men. The young writer Machado de Assis, one of its main collaborators, became well known over the years. Female labor was one of the topics approached in both the periodical and Assis' short stories. By presenting different perspectives on the same theme, the *Jornal* allowed its female readers to form their own opinions about this news: the insertion of women in the labor world.

Keywords: Machado de Assis; *Jornal das Famílias*; female labor; female writers; female readers.

DOI - <http://dx.doi.org/10.1590/2237-101X016031014>

Artigo recebido em 8 de março de 2015 e aprovado para publicação em 17 de agosto de 2015.

* Doutora em História pela Universidade Estadual de Campinas (Unicamp) e professora na Universidade Federal de Uberlândia (UFU). Uberlândia, MG, Brasil. E-mail: danielasilveira@hotmail.com.

Jornal das Famílias: recrear, instruir e trabalhar

O *Jornal das Famílias: publicação ilustrada, recreativa, artística, etc.* começou a circular com esse título a partir de janeiro de 1863 e durou até dezembro de 1878. Foi um periódico mensal, editado por B. L. Garnier, assim como sua antecessora, a *Revista Popular*.¹ Comportava duas partes específicas: um caderno de modas e um suplemento literário. Talvez por isso, desde a sua apresentação, se dirigisse ao público feminino, informando ser “mais exclusivamente dedicada aos interesses domésticos das famílias brasileiras”. Ofereceria prioridade aos artigos “que mais importarem ao país, à economia doméstica, à instrução moral e recreativa, à higiene, numa palavra, ao recreio e utilidade das famílias”. Seria impresso em Paris e seus leitores e leitoras encontrariam naquelas páginas “gravuras, desenhos à aquarela coloridos, moldes de trabalho de crochê, bordados, lã, tapeçaria, figurinos de modas, peças de música inéditas, etc.”² Dessa forma, desde o número inicial do *Jornal das Famílias*, já ficava evidente a sua proposta de levar o entretenimento por meio da divulgação de autores nacionais, mas também de proporcionar às assinantes um aprendizado bastante singular, por meio do trabalho manual, realizado com linhas e agulhas. Esse deveria ser feito dentro do lar, para atender apenas às necessidades da família. No entanto, em períodos de crise financeira, serviria também como um ofício para aquelas mulheres.

O *Jornal das Famílias* foi sempre vendido pelo mesmo valor. As assinaturas eram anuais e custavam 10\$000 para o Rio de Janeiro e Niterói, enquanto quem morasse nas províncias pagaria 12\$000. O número avulso era vendido por 1\$000. Alexandra Santos Pinheiro faz o interessante exercício de comparar o preço do *Jornal das Famílias* com o de outros periódicos, como o *Gabinete de Leitura — Serões das Famílias Brasileiras*, que pretendia atingir “todas as classes, sexos e idades”, a *República das Moças* e o *Echo das Damas*.³ O *Jornal das Famílias* ainda afirmava que, ao final do ano, as leitoras poderiam encadernar os seus fascículos, tendo um livro completo de 384 páginas. Partindo dessa perspectiva, Alexandra S. Pinheiro compara o valor de assinatura do periódico com o livro *Crisálidas*, de Machado de Assis, concluindo que a revista custava dez vezes mais. Diante disso, conclui que “o jornal de

¹ A *Revista Popular* foi publicada entre 1859 e 1862. Contava com colunas de interesses bastante variados. Quando o *Jornal das Famílias* começou a circular, no número de janeiro de 1863, informou que seria “a mesma *Revista Popular* doravante mais exclusivamente dedicada aos interesses domésticos das famílias brasileiras”. No entanto, a partir de uma leitura cuidadosa dos dois periódicos, pode-se perceber que quase nada foi conservado de um número para o outro. Manter o vínculo entre as duas publicações talvez fosse uma estratégia para conservar os leitores, quando o título e perfil foram alterados. Sobre o *Jornal das Famílias*, conferir SILVEIRA, Daniela Magalhães da. *Contos de Machado de Assis: leituras e leitores do Jornal das Famílias*. Dissertação (mestrado em História) — Unicamp, 2005.

² *Jornal das Famílias*. Janeiro de 1863.

³ PINHEIRO, Alexandra Santos. *Para além da amenidade – o Jornal das Famílias (1863-1878) e sua rede de produção*. Tese (doutorado em Teoria e História Literária) — Unicamp, 2007.

Garnier, como outros jornais da época, circula entre um público restrito de leitores, ou seja, somente entre aqueles que podem pagar por uma assinatura”.⁴

Comparar o preço da revista com outros produtos ou com o valor de venda de periódicos semelhantes pode ser uma boa estratégia para saber mais sobre sua circulação e também em que medida a classe trabalhadora teria acesso ao impresso. Por outro lado, esses números não podem ser analisados de maneira direta. Devemos suspeitar das conclusões que indicam uma restrição do público leitor ao número de pagantes ou à tiragem do periódico. Nesse sentido, vale a pena nos lembrarmos de outro periódico que também contou com a colaboração de Machado de Assis e anunciava que seus fascículos poderiam formar um livro no final de cada ano: *A Estação — Jornal Illustrado para a Família*, revista de moda e literatura publicada entre 1879 e 1904. Certa vez, *A Estação* publicou a cartinha de uma leitora, reclamando das suas vizinhas que não eram assinantes, mas “leitoras de empréstimo”.⁵ Embora possa ser lida como uma forma de fazer publicidade do próprio periódico, essa correspondência serve também para nos alertar de que os jornais e revistas publicados ao longo do século XIX circulavam também entre pessoas que não poderiam pagar por sua assinatura. Talvez esse seja o caso de muitas costureiras, criadas e tantas mulheres trabalhadoras que tiveram acesso ao *Jornal das Famílias*. Saber sobre a circulação de qualquer periódico é certamente uma das etapas mais complicadas em pesquisas que tratam da imprensa no Brasil. No entanto, não podemos concluir que aqueles impressos só circularam entre o público letrado e com alto poder financeiro. Considerar a leitura em voz alta, algumas formas precárias de letramento e a questão do empréstimo ajuda, de forma mais ampla, a entender a duração, por exemplo, do *Jornal das Famílias* e de *A Estação*. Afinal de contas, se essas revistas contassem com um número muito restrito de leitores e leitoras, não teriam resistido por tanto tempo.

Os principais nomes que apareceram em suas páginas foram os de Machado de Assis, responsável pela seção de literatura, além de alguns outros escritores que, embora não tenham empreendido uma participação tão regular, também foram essenciais para a construção do periódico. Podemos citar Joaquim Manuel de Macedo, Augusto Emílio Zaluar, Caetano Filgueiras e tantos outros que apareceram em um ou dois volumes. Dois nomes femininos também foram fundamentais para a composição do *Jornal das Famílias*: Paulina Philadelphia e Victoria Colonna. A primeira, além de escrever contos e romances, também foi a responsável por divertir e instruir as leitoras, por meio de suas anedotas, e ensinar receitas econômicas para as mais diversas ocasiões. Uma das principais intenções desse periódico foi a de formar uma “boa” dona de casa. Uma mulher capaz de cuidar de sua casa, servir ao marido e ajudar às filhas na hora da escolha do cônjuge. Ao fazer isso, oferecia a possibilidade de essas mesmas mulheres assumirem os papéis de costureiras, bordadeiras e

⁴ *Ibidem*, p. 62.

⁵ *A Estação*. 15 de julho de 1884.

cozinheiras. Por sua vez, quando abria espaço para a escrita feminina em suas páginas, outro ofício entrava em cena: o de escritora.

O *Jornal das Famílias* tinha, assim, o papel de recrear e instruir as suas leitoras. A instrução oferecida girava em torno da formação da dona de casa e da valorização de ofícios femininos que seriam realizados dentro do lar e que proporcionariam rendimentos financeiros apenas em alguns casos restritos. O objetivo deste artigo é acompanhar os espaços oferecidos naquelas páginas para as mulheres trabalhadoras, tanto as escritoras como também as criadas, cozinheiras e costureiras. Isso será feito por meio da análise de personagens ficcionais e também da participação de alguns homens e mulheres de letras. Essa estratégia permitiu-nos questionar a respeito das motivações de classe e gênero assumidas por intelectuais que pretendiam formar as mulheres brasileiras do século XIX.

As escritoras do *Jornal das Famílias*

O *Jornal das Famílias* não contou com um leque muito variado de nomes femininos entre os seus colaboradores. Com exceção de Paulina Philadelphia e Victoria Colonna, as outras assinaturas femininas que apareceram foram bastante esporádicas. Aliado a isso, pouco sabemos sobre quem realmente segurava a pena, quando ao final da história aparecia o nome de alguma mulher. Essa foi uma revista em que alguns de seus colaboradores, além de assinarem com os seus próprios nomes, também recorreram aos pseudônimos. Este deve ter sido o caso das assinaturas femininas, que poderiam esconder inclusive colaboradores do sexo masculino. Por outro lado, vale a pena chamar a atenção para o fato de que aquelas “escritoras” fizeram questão de construir uma identidade feminina, talvez com o objetivo de se aproximar mais de suas leitoras, conforme veremos ao longo deste artigo. Essas participações aconteceram, na maioria das vezes, sob o formato de cartas, conselhos ou dicas domésticas. Logo no primeiro número, de janeiro de 1863, encontramos o “Romance por uma obscura fluminense”. Esta peça autobiográfica oferecia voz a uma mulher que começava narrando as desventuras de sua mãe até chegar à sua própria vida. A suposta autora, em sua infância, tinha ambições bastante singulares. Frequentava a escola e foi levada a acreditar que poderia ter uma profissão. Segundo suas próprias palavras:

Eu estudava como interna de um colégio onde aprendia com gosto e progresso. Nessa idade já sabia ler corretamente, tocava alguma cousa ao piano, bordava e começava a traduzir o francês. Ainda me lembro de ter ouvido um dia dizer a diretora do colégio a meu avô:

— Sr. M..., se a sua neta continuar com o progresso em que vai, pode contar que aos dez anos de idade estará apta para tão bem como eu dirigir este colégio.

Ainda que minha mestra não exagerasse, não podia ir avante aquela benevolente profecia, pois aos dez anos eu já não tinha mais o avô de quem partia todos os desvelos sobre a minha educação.⁶

Logo nos primeiros números do *Jornal das Famílias* vemos aparecer uma tendência que se tornaria bastante comum: o estímulo à instrução feminina, marcada pela entrada das mulheres em escolas.⁷ Na narrativa em questão, é interessante observar como a mocinha, que se chamava Julia, aparentemente não tinha qualquer motivação financeira para adentrar no mundo do trabalho. A possibilidade de se tornar diretora do colégio seria uma forma de estimulá-la a continuar seus estudos, uma espécie de retribuição a uma menina dedicada. O trabalho não estaria imediatamente relacionado com os rendimentos pecuniários, mas a uma forma de preencher o tempo e livrar as mulheres abastadas da ociosidade. Aliás, essa foi uma das grandes preocupações encontradas nas páginas daquela revista, ou seja, transformar mulheres vaidosas e desocupadas em donas de casa preocupadas com o lar, o esposo e os filhos. Entretanto, com a história contada por Julia fica indicado que o trabalho especializado também poderia ser uma opção para aquelas mulheres. Como a coleção do *Jornal das Famílias* referente ao ano de 1863 não está completa, torna-se impossível saber o desfecho do “Romance por uma obscura fluminense”. Também não temos qualquer indício que nos ajude saber quem seria a verdadeira autora daquelas linhas. Por outro lado, é interessante notar a maneira como a revista é introduzida no mundo das leitoras, a construção de uma identidade feminina para aquela “obscura fluminense” que conjugasse com os mesmos interesses de suas possíveis leitoras e também a vontade de criar novas necessidades para o dia a dia daquele público leitor. Desse modo, se acreditarmos que a autora do “romance” era, de fato, uma mulher, precisamos frisar que ela já havia desenvolvido algumas técnicas interessantes de escrita que deram a tônica aos próximos números daquele periódico. A escritora não parecia se aventurar pelo mundo das letras sem um prévio conhecimento daquele universo. Assim, além de transformar a profissão de diretora de escola em uma recompensa, ainda abre a possibilidade de as suas leitoras quererem se inspirar na trajetória profissional dela, e almejarem a profissão de colaboradora de revistas femininas.

Se não bastasse o exemplo oferecido pela “obscura fluminense”, ainda no primeiro número do *Jornal das Famílias* apareceram as “Cartas de Helena à Eulália”. A primeira dessas cartas começava do seguinte modo:

⁶ *Jornal das Famílias*, p. 34, fevereiro de 1863.

⁷ Campanhas a favor da entrada das mulheres em escolas foram protagonizadas tanto por médicos e literatos como também pelas próprias mulheres. Especialmente aquelas que fundaram e redigiram revistas direcionadas ao sexo feminino. Conferir SILVEIRA, Daniela Magalhães da. *Fábrica de contos: ciência e literatura em Machado de Assis*. Campinas: Editora da Unicamp, 2010.

Agora mesmo acabo de receber uma amabilíssima carta, assinada pela redação do *Jornal das Famílias*, na qual sou convidada de um modo tão lisonjeiro a que não devo resistir, para com a minha colaboração *honrar* (olhe que é ela, a redação, que diz honrar) as colunas deste *Jornal*. Eu não sei se a minha prima sabe calcular os apuros em que põe a gente o amável convite de meia dúzia de distintos literatos que tiveram a generosidade de querer uma desconhecida como eu nas suas fileiras? Se a prima sabe, avaliará, certamente, o quilate daqueles com que lutei; e se não, tome o meu conselho, minha prima, fique nessa pacífica ignorância.

O formato de cartas foi recorrentemente utilizado naquelas páginas. De acordo com a suposta Helena, a sua escolha dava-se pelo fato de que, depois da publicação de *Os miseráveis*, não se sentiria a vontade para escrever um romance e, quanto às poesias, deveriam passar pelo crivo dos homens da família. Aliás, havia recebido a ordem do pai de que não poderia assinar a sua colaboração no *Jornal das Famílias* para que ninguém viesse acusá-lo de não tê-la preparado para o mundo das letras. É interessante observar como a autora das cartas estava num espaço prioritariamente masculino e como participar de uma empresa literária não correspondia necessariamente a um ofício. Estava muito mais próximo da arte e da fruição por meio das letras. Se a profissionalização do escritor de literatura ainda dava os seus passos iniciais, as escritoras precisavam contar com convites masculinos, e exercer aquela atividade como um mero passatempo, que lhe conferia prestígio e distinção entre a grande maioria das outras mulheres que nem conheciam o gostinho de serem convidadas para compor as páginas de uma revista dirigida ao sexo feminino. No mês de março de 1863, as “Cartas de Helena à Eulália” voltaram a compor o periódico. Dessa vez, no entanto, apareciam com uma temática no mínimo estranha para aquela revista e ainda mais debaixo da pena de uma mulher. Isso talvez tenha acontecido para que houvesse certa sensação de continuidade entre o periódico e a sua antecessora, a *Revista Popular*. A questão apresentada dizia respeito à fertilidade das terras brasileiras, quando comparadas às europeias, e chamava atenção para a necessidade de se introduzir máquinas na agricultura do país. Só assim o país se tornaria conhecido e a autora não seria obrigada a responder perguntas como se o “Brasil está nas Antilhas” ou se as “cobras andam pelas ruas”. Questionamentos oriundos de homens de grande importância, como um coronel do exército francês, por exemplo.

Os primeiros números do *Jornal das Famílias* deixam transparecer um pouco sobre a participação feminina naquelas páginas. Observamos, desse modo, como as colaborações assinadas por nomes de mulheres cumpriram o pré-requisito de aproximar-se das leitoras, levando lições e algum aprendizado. Ensinavam às outras mulheres a importância de se manter virgem até o casamento e também valorizavam a instrução e o ensino das letras voltado para as meninas. Não apareceram chamadas dirigidas especificamente às mulheres que deveriam ser levadas a colaborar numa revista feminina. Por outro lado, a inserção dessas prováveis colaboradoras poderia servir de estímulo e orgulho. Vale ressaltar que àquela época

começaram a aparecer os primeiros periódicos editados e escritos exclusivamente por mulheres que lutavam, em especial, a favor da educação feminina. Esta parecia ser a temática que mais rendia discussão e adeptos, tanto do sexo masculino quanto do feminino.

Outra tendência seguida pelas assinaturas femininas encontradas no *Jornal das Famílias* diz respeito à indicação ou à condenação de alguns títulos de romances. Para exercer essa tarefa, no entanto, aquelas escritoras apareciam como leitoras vorazes dos mais diversos títulos e defendiam-se, afirmando ter um pai que as orientavam corretamente ao longo do exercício de leitura de cada obra. Nesse sentido, segundo Maria Amália, existiam leituras capazes de arruinar a educação das moças.⁸ Para tanto, citava algumas obras de Balzac, Jorge Sand e, como não poderia faltar, a *Madame Bovary*, de Flaubert. É interessante observar como a qualidade da leitura poderia interferir na formação das meninas das classes mais abastadas, mas também no encaminhamento das relações entre as criadas e suas senhoras. Assim, apareceu, no número de novembro de 1874, o artigo intitulado “Linhas que as criadas não devem ler — conselhos”. Esse texto indica tanto uma tentativa de controlar as leituras realizadas pelas criadas, e também o fato de que a revista alcançava um público que não se restringia apenas às senhoras que compunham a elite fluminense. Esses “conselhos” foram assinados por Victoria Colonna, uma reconhecida colaboradora, responsável por um número considerável de participações. Começavam se referindo ao fato de que as criadas seriam as substitutas naturais dos escravos, que em breve deveriam deixar de existir. Baseavam-se na ideia de que as senhoras, acostumadas com a escravidão, não sabiam qual tratamento deveriam depender para com as suas criadas. Embora algumas acreditassem que a única coisa necessária fosse manter o pagamento no dia correto, sem qualquer atraso, Victoria Colonna afirmava que aquela postura não seria suficiente. Havia necessidade de aperfeiçoar o relacionamento entre patroa e criada. Afinal de contas, a culpa por causa da existência de serviços de baixa qualidade era das próprias patroas, que tratavam suas empregadas como se “pertencessem a uma casta nascida exclusivamente para servir, e com quem fossem dispensados de poupar a suscetibilidade, e devesse obrigatoriamente ser irrepreensível, afeiçoada, grata e desinteressada, a despeito da nossa indiferença”. O “conselho” então oferecido por Victoria Colonna era que as senhoras deveriam cuidar melhor de suas criadas, preocupando-se com o bem-estar delas, manifestando interesse pela saúde e pelo futuro de quem viesse a trabalhar dentro das casas de famílias. Isso produziria a gratidão e o respeito, ingredientes considerados indispensáveis para o bom andamento da situação que, em breve, se instalaria em todos os lares abastados. E continuava:

Devemos evitar de repreendê-los em público, falar-lhes não com carinho, mas com bondade sempre que não tiverem incorrido n’alguma falta, lembrando-nos que, a despeito de tudo o que se fizer por eles, nunca se chegará a tornar sua sorte inteiramente feliz. É pois mister

⁸ *Jornal das Famílias*. Dezembro de 1864.

compensarmos por bons tratamentos e justas precauções os males inerente à sua posição, e para podermos exigir deles um pouco menos de egoísmo e indiferença pelos nossos interesses, cumpre que lhe demos o exemplo.

Um criado medíocre melhorar-se-á para conservar-se numa casa em que houver justiça e lhe manifestarem alguma afeição. Ouso afirmar-vos que se não quisermos encontrar um inimigo em cada fâmulos devemos abstermo-nos de tratá-los com hostilidade, injustiça e desprezo.⁹

As palavras escritas por Victoria Colonna são bastante interessantes, na medida em que serviram de orientação para a condução do trabalho doméstico, antecipando o final da escravidão. Mostravam como as patroas precisariam se adequar à nova realidade. Além disso, a autora deixava de seguir uma norma comum àquela época de culpar os escravos e a existência da escravidão pela degeneração dos bons costumes. Afirmava claramente que, se a criada não correspondesse às expectativas de sua patroa, isso seria por causa do tratamento inadequado oferecido à criada. Assim, a autora fala diretamente às leitoras da revista, especialmente às patroas, já que desde o princípio reafirmava que aquelas linhas não poderiam ser lidas por criadas. Considerando que as criadas, de fato, tivessem acesso àquela revista, a proibição da leitura a uma parcela das leitoras, provavelmente, teria efeito contrário. Isso deve ter despertado ainda mais a curiosidade das ditas “criadas”. Além disso, ainda deixa evidenciar que aquelas profissionais saberiam ler, pré-requisito fundamental para o amplo acesso à revista.

Victoria Colonna foi uma escritora que apareceu constantemente nas páginas da revista e também em suas listas de colaboradores. Não foi possível saber quem realmente era essa escritora. O certo é que foi responsável pela publicação de histórias com acentuado teor moral e também por dicas que deveriam orientar as suas leitoras naquilo que dizia respeito ao bom andamento das atividades do lar. Desde o relacionamento entre patroa e criada até a condução dos casamentos dos filhos e filhas.¹⁰ Ao se depararem com assinaturas femininas naquelas páginas, é provável que algumas leitoras vislumbrassem certa abertura para que elas mesmas também pudessem participar daquele empreendimento. Mesmo que não fosse exclusivamente por causa do dinheiro que aquele trabalho renderia, poderia ser apenas por causa do orgulho pessoal de compor uma empresa bem-sucedida e ainda poder participar da vida de leitoras desconhecidas, por meio de conselhos ou narrativas ficcionais com tom prescritivo. Trabalhar como escritor do *Jornal das Famílias* foi uma oportunidade oferecida também às mulheres.

Outro nome feminino também presente com regularidade no *Jornal das Famílias* foi o de Paulina Philadelphia. Esta, além de ter assinado artigos semelhantes aos de Victoria Colonna, ainda escrevia anedotas e as seções de “Economia doméstica”. Cumpria o papel de

⁹ *Jornal das Famílias*. Novembro de 1874.

¹⁰ Conferir, por exemplo, o número de junho de 1875, quando foi publicado o artigo intitulado Os casamentos de hoje.

ajudar às leitoras na hora do preparo dos alimentos, por meio de receitas saborosas e baratas. Essa foi uma seção que poderia ser muito bem aproveitada tanto por mulheres da elite, e que gostassem de frequentar a cozinha, como também por aquelas mais pobres e que não tinham nem escravas, nem criadas. Aliás, devem ter sido utilizadas principalmente pelas criadas, tanto aquelas que se interessavam pela revista como um todo como as que folheavam apenas as receitas culinárias. A presença dessas seções pode ser considerada como indício de que aquela revista não estava interessada apenas nas leitoras ricas, mas também em mulheres que usariam as dicas ali presentes para economizar dinheiro ou então em seus trabalhos. Isso fica ainda mais evidente em outra seção — “Trabalho”. Esta esteve presente em praticamente todos os números da revista. O seu sentido consistia em explicar de forma pormenorizada como deveriam ser confeccionados os bordados e outros trabalhos que envolvessem linhas e agulhas. Apareciam explicações sobre como costurar bolsas, chapéus, lenços e uma enorme variedade de objetos femininos e infantis. Era um espaço exclusivamente dedicado às costureiras e bordadeiras, tanto as profissionais como aquelas que apenas gostariam de ocupar o tempo livre. O certo foi que ofereceu instrumentos para mulheres que porventura viessem a ter necessidade financeira e fossem obrigadas a exercer alguma atividade profissional.

Desse modo, as assinaturas femininas deixaram a sua marca nas páginas do *Jornal das Famílias*. Conseguiram associar tanto trabalho intelectual como doméstico em suas dicas para as leitoras. Todos os nomes femininos citados neste artigo caíram no esquecimento. Certamente porque para que uma mulher participasse e recebesse reconhecimento num espaço considerado, àquela época, prioritariamente masculino não fosse uma tarefa simples.

Talvez a mais reconhecida escritora da passagem do século XIX para o XX tenha sido Júlia Lopes de Almeida, que continua sendo lembrada até hoje. Essa, aliás, foi uma das principais responsáveis pela divulgação do caráter enobrecedor do papel feminino dentro do lar, como mães, esposas e donas de casa responsáveis por orientar os filhos, o futuro da nação. Essa escritora tem sido, assim, com certa frequência considerada como alguém que em sua obra ficcional, e também na não ficcional, manteve certo compromisso de defender um projeto pedagógico de transmissão de valores morais que conferia responsabilidade às mulheres diante da sociedade.¹¹

As assinaturas femininas que compuseram o periódico em questão em alguns momentos se aproximaram e em outros se afastaram das premissas defendidas por Julia Lopes de Almeida. É importante observar como aquelas colaboradoras do *Jornal das Famílias*, embora não estivessem interessadas nos rendimentos financeiros do ofício de escritoras, orgulhavam-se do trabalho realizado por elas e passavam dicas que iam além do contentamento feminino para com a organização do lar. São participações que poderiam despertar o desejo

¹¹ Conferir RONCADOR, Sônia. As criadas de Júlia: empregadas domésticas no imaginário literário da *Belle Époque* brasileira. In: *A doméstica imaginária: literatura, testemunhos e a invenção da empregada doméstica no Brasil (1889-1999)*. Brasília: Editora da UnB, 2008, p. 28.

de leitoras que se veriam diante da possibilidade de ocupar espaços dentro de escolas ou redações de jornais. É preciso frisar que essas foram dicas deixadas, tanto na obra de nossa reconhecida escritora como nas colunas das anônimas colaboradoras do *Jornal das Famílias*, às mulheres que tinham condições de receber uma boa educação e tivessem sido preparadas para orientar a vida doméstica.

Talvez o momento que uma das colaboradoras do periódico aqui analisado tenha mais se afastado das ideias defendidas por Julia Lopes de Almeida ocorrera com a publicação das “Linhas que as criadas não devem ler”. Especialmente porque deixava de seguir tão à risca o discurso médico que se fortalecia naquele momento e mostrava que talvez o problema não estivesse nas empregadas domésticas. Para apurar a formação das patroas, a redatora daquele texto acabava isentando as criadas de culpa por qualquer desvio que pudesse vir a ocorrer no relacionamento delas.

Na verdade, precisamos ressaltar que nem Julia Lopes de Almeida, nem as colaboradoras do *Jornal das Famílias* conseguiam controlar quem leria e como as suas histórias seriam lidas.¹² É provável que tanto criadas como patroas tivessem acesso à mesma revista e não foi uma recomendação expressa num título para que as criadas não lessem determinado texto que as impediu de realizarem tal leitura e ter conhecimento do poder que tinham em suas mãos.

A tensão vivida entre patroas e empregadas domésticas não ficou restrita à participação de escritoras no *Jornal das Famílias*. Em seus contos, Machado de Assis também ajudou a compor essa discussão e recorreu às personagens femininas talvez porque, assim como escreveu Olívia Maria Gomes da Cunha, as mulheres eram as “responsáveis pela mediação dos ambientes domésticos e públicos” e por isso transpunham “com mais permissividade as fronteiras da intimidade da família patriarcal, ganhando as ruas”.¹³ Desse modo, será interessante observar como os contos escritos por Machado de Assis e colaborações assinadas por nomes femininos faziam parte de um mesmo debate em torno dos papéis que as mulheres suas contemporâneas poderiam assumir, especialmente nos mundos do trabalho. Talvez esses foram textos que auxiliaram aquelas leitoras a alargar seus espaços de autonomia e, especialmente, a redefinir os significados de trabalho e mundo doméstico numa sociedade que ainda vivia a escravidão.

O trabalho feminino em contos de Machado de Assis

As assinaturas utilizadas por Machado de Assis fizeram desse literato um dos colaboradores mais frequentes do *Jornal das Famílias*. Além de seu nome próprio, ainda apareceram

¹² GARZONI, Lerice de Castro. *Arena de combate: gênero e direitos na imprensa diária* (Rio de Janeiro – início do século XX). Tese (doutorado em História) — Unicamp, 2012, p. 110.

¹³ CUNHA, Olívia Maria Gomes da. Criadas para servir: domesticidade, intimidade e retribuição. In: CUNHA, Olívia Maria Gomes da; GOMES, Flávio dos Santos. *Quase-cidadão: histórias e antropologias da pós-emancipação no Brasil*. Rio de Janeiro: FGV Editora, 2007, p. 380.

algumas de suas iniciais e pseudônimos, oferecendo a falsa impressão de diversidade no número de escritores participantes do empreendimento. Machado de Assis começou a participar do periódico em questão no número de junho de 1864, com o conto “Frei Simão”, assinado por M.A. Juntamente com esse conto, apareceu um total de 86 narrativas, sendo que a última delas — “Dívida extinta” — foi publicada entre novembro e dezembro de 1878. As temáticas abordadas privilegiavam aquelas voltadas para as controvérsias em torno do casamento, ora com personagens femininas que disputavam o mesmo pretendente a marido, ora com viúvas que desfrutavam do maior espaço de liberdade conquistado depois da morte de seus maridos, por exemplo. A ideia principal perseguida pela maior parte dos colaboradores comprometidos com aquela revista estava centrada na possibilidade de usar a narrativa ficcional para oferecer exemplos de comportamento e lições que poderiam ser aproveitadas no dia a dia. Para o desenvolvimento do argumento apresentado neste artigo, a análise será centrada em três narrativas: “A pianista”, “Folha rota” e “A melhor das noivas”.

“A pianista” apareceu dividida nos números de setembro e outubro de 1866 e foi assinada pelas letras J.J. Ao contrário de um grande número de contos publicados por Machado de Assis no periódico que utilizavam como título o nome da personagem feminina principal, esse recorria à profissão da protagonista. Começava do seguinte modo:

Tinha vinte e dois anos e era professora de piano. Era alta, formosa, morena e modesta. Fascinava e impunha respeito; mas através do recato que ela sabia manter sem cair na afetação ridícula de muitas mulheres, via-se que era uma alma ardente e apaixonada, capaz de atirar-se ao mar, como Safo, ou de enterrar-se com o seu amante, como Cleópatra.

Ensinava piano. Era esse o único recurso que tinha para sustentar-se e a sua mãe, pobre velha a quem os anos e a fadiga de uma vida trabalhosa não permitiam já tomar nos labores de sua filha.¹⁴

A narrativa colocava em seu centro uma personagem feminina pobre e que precisava trabalhar para se sustentar. Diferentemente das histórias escritas pelas colaboradoras já analisadas e que valorizavam o trabalho como uma recompensa por causa dos estudos ou para preencher o tempo ocioso, o conto de Machado de Assis mostrava uma personagem bastante específica. Caso Malvina não trabalhasse, não teria o que comer e não poderia cuidar de sua mãe, que já estava numa idade avançada. A composição do perfil de Malvina também chama atenção: foi apresentada como uma mulher bonita e honesta. Por isso, foi sempre muito bem-recebida nas casas mais abastadas da corte. Ensinava piano e ainda participava de saraus noturnos. O narrador faz, então, questão de mostrar que aquela menina poderia ter seguido uma vida menos honrada, mas que jamais havia se desviado do caminho. Além de apresentar a sua protagonista, o narrador ainda mostrava uma das famílias que recebia

¹⁴ *Jornal das Famílias*. Setembro de 1866.

Malvina como professora de piano. A aluna chamava-se Elisa e tinha um irmão que havia recebido o nome de Thomaz Valença. Os dois eram filhos de Tibério Valença e netos de Basílio Valença. A genealogia dessa família é descrita com detalhes, mostrando como os dois patriarcas valorizavam os títulos, de modo que, quando a família real chegou ao Brasil, Basílio Valença cedeu espontaneamente uma casa, sem nada cobrar, para que fosse ocupada por um dos fidalgos que acompanhava o rei. O imbróglio desenvolve-se a partir do momento em que Thomaz Valença se apaixona por Malvina e tem seu romance descoberto por Tibério que não aceita uma mulher pobre e trabalhadora como nora. Aliás, Tibério passa a imaginar que a aparente honestidade e a simplicidade demonstradas por Malvina haviam sido um subterfúgio usado para conquistar o rapaz rico. O primeiro mês dessa narrativa é encerrado quando Thomaz resolve, contrariando o pai e abrindo mão da herança, casar-se com a pianista.

Em “A pianista”, o trabalho feminino aparece como um caminho honesto para que uma mulher pobre sustentasse a si mesma e à sua mãe. Faz com que a personagem seja aceita por famílias abastadas, mas não a torna digna de desposar um homem rico, segundo os preceitos do velho Tibério Valença. Cabe salientar, no entanto, que Basílio e Tibério Valença são definidos pelo narrador como pertencentes ao passado, enquanto Thomaz representava o momento atual.¹⁵ Ou seja, era alguém que não se importava tão acirradamente com as diferenças sociais e que valorizava o amor na hora da escolha de seu casamento.

Assim prosseguia o conto no mês seguinte, com o casamento da irmã de Thomaz, conforme desejava o pai deles, ou seja, com um jovem e promissor deputado. Depois veio o casamento de Malvina e Thomaz, que não contou com a presença de ninguém da família do rapaz. Esse casal passou a levar uma vida financeira bastante apertada, de modo que, enquanto Thomaz conseguiu um emprego público, Malvina abandonou o ofício de pianista e passou a cuidar da casa, provavelmente levando para os afazeres domésticos as mesmas dicas de economia, encontradas nas páginas do *Jornal das Famílias*. Tibério Valença, por sua vez, passou a viver sozinho, até ser acometido por uma grave doença. Nesse momento, precisou contar com os cuidados do filho e com os serviços de enfermeira da nora, já que a filha e o genro deputado, depois do casamento, haviam se mudado para o Norte. Além de enfermeira, Malvina ainda cuidava da casa do sogro, pois, segundo o narrador do conto, “as mulheres são essencialmente donas de casa”. O ofício exercido por Malvina, enquanto ainda era solteira, aparecia, assim, como algo secundário e explicado por causa das necessidades financeiras da menina. Depois do casamento, o marido passou a cuidar dessa questão, e a mulher restringia-se à vida doméstica. O trabalho doméstico, no entanto, foi descrito como algo intenso e desgastante, não deixando tempo para mais nada. Assim que Tibério Valença se recuperou, Malvina e Thomaz não continuaram a frequentar a casa do patriarca. A pianista não queria ser mal interpretada pelo sogro e também gostaria que a ausência dela fosse

¹⁵ A narrativa é situada em 1850.

sentida. Por isso, Tibério foi procurar pelo filho no local onde morava o casal. Chegando lá, encontrou apenas Malvina, que justificava a ausência recorrendo aos cuidados exigidos por sua própria casa:

— Já não posso vê-lo [Thomaz]. Há muitos dias que ele não vai [até à casa do pai]. Quanto à senhora [Malvina], creio que decididamente nunca mais lá volta...

— Não tenho podido...

— Por quê?

— Ora, isso não se pergunta a uma dona de casa.

— Então tem muito que fazer?...

— Muito.

- Oh! Mas nem meia hora pode dispensar? E que tanto trabalho é esse?

Malvina sorriu-se.

— Como lhe hei de explicar? Há tanta coisa miúda, tanto trabalho que não aparece, enfim coisas de casa. E se nem sempre estou ocupada, estou muitas vezes preocupada, e outras simplesmente cansada...

Malvina explicava aquilo que a maioria das mulheres pobres sabia muito bem. Ou seja, como o trabalho doméstico, embora não fosse remunerado, ocupava tempo e deixava as mulheres fatigadas. Para completar, não era reconhecido, conforme comprova as palavras de Tibério Valença. Com a história da pianista “morena”, Machado de Assis acabava mostrando como mulheres pobres, provavelmente descendentes de escravos ou ex-escravos, precisavam negociar sua autonomia, conforme salientou Maria Helena Machado, “no âmbito privado do trabalho doméstico e da explícita dependência pessoal”.¹⁶ Embora livres da escravidão, quando se tornavam esposas, precisavam servir não apenas ao marido, mas toda a família dele. O trabalho doméstico oferecia continuidade às relações de dependência estabelecidas ainda na escravidão. Talvez a única forma de conservar a liberdade fosse resistindo ao contrato de casamento.¹⁷ A historinha da pianista, no entanto, tem final feliz. Depois de recuperado e com o retorno da filha Elisa, finalmente, Tibério resolve aceitar a nora, que, aliás, já estava esperando uma criança. Em “A pianista”, Machado de Assis explora uma vertente que pouco

¹⁶ MACHADO, Maria Helena. Corpo, gênero e identidade no limiar da abolição: a história de Benedicta Maria Albina da Ilha ou Ouvídia, escrava (sudeste, 1880). *Afro-Ásia*, n. 42, p. 159, 2010.

¹⁷ Conferir MCCLINTOCK, Anne. Couro imperial — raça, travestismo e o culto da domesticidade. In: *Couro imperial: raça, gênero e sexualidade no embate colonial*. Campinas: Editora da Unicamp, 2010, p. 207. Anne McClintock afirma que a oficialização do casamento “representa uma exibição cerimonial da hegemonia, pois a mulher entra ‘voluntariamente’ numa relação social de desigualdade com seu marido, o que lhe dá, desde então, o direito legal de coerção sobre ela. Em suma, o contrato da esposa é um contrato *da* hegemonia *para* a coerção” e ainda acrescenta que “as mulheres são *naturalmente* como escravos e, assim, *não podem* fazer contratos, mas as mulheres *devem* fazer contratos de modo a tornarem-se esposas e, portanto, abdicarem de seu direito a fazer contratos”.

apareceu nas páginas do *Jornal das Famílias*: uma mulher pobre, honesta e trabalhadora. Embora recorresse a alguns princípios bastante comuns em outras histórias, como o caráter impecável e a resignação da heroína, Machado mostrava a importância do trabalho como forma de sobrevivência para uma mulher e como a sua “liberdade” havia sido interrompida por causa do casamento. Essa havia sido uma estratégia para que o literato adentrasse os mesmos temas amplamente discutidos no século XIX sobre os papéis que as mulheres deveriam assumir naquela sociedade, mas foi também um modo de dizer como aquelas normas previam a submissão feminina ou a continuidade de algumas regras que regiam a escravidão.

Alguns anos depois, Machado de Assis voltou a acionar uma protagonista trabalhadora. Dessa vez, no entanto, o destino dela não foi tão feliz como o de Malvina. “Folha rota” saiu na revista de outubro de 1878 e foi assinada pelo próprio nome de Machado de Assis. Iniciava-se da seguinte forma:

Tinham dado ave-marias; a Sra. D. Ana Custódio saiu para ir levar umas costuras à loja que era na Rua do Hospício. Pegou das costuras, entrouxou-as, pôs um xale às costas, um rosário ao pescoço, deu cinco ou seis ordens à sobrinha e caminhou a porta.

O ofício exercido por D. Ana aparecia como menos glamoroso e mais árduo do que aquele praticado por Malvina. Além disso, a personagem frequentava uma rua que havia se tornado conhecida àquela época por concentrar um grande número de prostíbulos. A presença de uma mulher ali, mesmo que fosse por causa de uma entrega de costuras, certamente a colocava diante de olhares suspeitos. Para completar, a sobrinha Luiza Marques foi assim descrita:

Luiza Marques tinha dezoito anos. Não era um prodígio de beleza, mas não era feia; pelo contrário, as feições eram regulares, as maneiras gentis. O olhar meigo e cândido. Mediana de estatura, delgada, naturalmente elegante, tinha proporções para vestir bem e primar pelos adornos. Infelizmente, não tinha adornos nem os vestidos eram bem cortados. Pobres, já se vê que deviam ser. Que outras cousas seriam os vestidos de uma filha de operário, órfã de pai e mãe, condenada a coser para ajudar a sustentar a casa da tia? Era um vestido de chita grossa, cortado por ela mesma, sem arte nem inspiração.

As duas costureiras de “Folha rota” provavelmente se aproximavam do perfil de uma parcela de leitoras do *Jornal das Famílias*. Eram mulheres pobres que precisavam costurar para lojas e clientes particulares, a fim de alcançarem a sobrevivência. Mulheres que copiavam os modelos mais sofisticados das revistas, mas que não tinham condições de preparar nada de muito original para elas mesmas, talvez por falta de tempo e de material básico, como um bom tecido, por exemplo. A jovem Luiza estava àquela época apaixonada por um primo.

Talvez, se esse amor obtivesse um desfecho feliz, a menina teria seguido a mesma trajetória de Malvina e abandonado seu ofício a favor dos cuidados com o lar. Ao contrário da outra história, no entanto, aquilo que impedia o casamento de Luiza com o primo Caetaninho não se restringia a preconceitos sociais. O pai do rapaz havia sido um cortejador desenfreado que não poupava nem suas cunhadas. Por isso a tia de Luiza a fez jurar que jamais se envolveria com o primo. “Folha rota” acabou recebendo um desfecho desolador, em especial para a jovem costureira:

As semanas, os meses, os anos passaram. Caetaninho não foi esquecido; mas nunca mais se encontraram os olhos dos dois namorados. Oito anos depois morreu D. Ana. A sobrinha aceitou a proteção de uma vizinha e foi para casa dela, onde trabalhava dia e noite. No fim de quatorze meses adoeceu de tubérculos pulmonares; arrastou uma vida aparente de dois anos. Tinha quase trinta quando morreu; enterrou-se por esmolas.

Caetaninho viveu; aos trinta e cinco anos era casado, pai de um filho, negociante de fazendas, jogava o voltarete e engordava. Morreu juiz de uma irmandade e comendador.

A impossibilidade de realizar um amor de juventude deixou marcas muito mais profundas na personagem feminina. Nesse caso, o trabalho aparecia para confirmar a pobreza e o destino de incertezas. Assim como o não casamento. As duas personagens de “Folha rota” resistiram a um homem conquistador e seus descendentes. No entanto, não conseguiram chegar muito longe. Tiveram destinos desoladores e vidas curtas. Machado de Assis parecia querer confirmar os limites encontrados por mulheres que escolhessem o trabalho e negassem um casamento opressor. Acabava, assim, desvendando o quanto as palavras das colaboradoras, analisadas na primeira parte deste artigo, valiam apenas para as mulheres abastadas. Olhando para os dois contos, podemos observar os sentidos que o mundo do trabalho provavelmente teria para as próprias leitoras da revista e como um casamento poderia livrá-las daquela situação. Para tanto, Machado de Assis construiu narrativas, em momentos diferentes de sua colaboração para o *Jornal das Famílias*, que contrapunham as possibilidades encontradas por muitas mulheres pobres reais.

Para finalizar esta análise, vamos observar uma história bastante diferente daquelas protagonizadas por Malvina e Luiza. “A melhor das noivas” foi mais um dos contos escritos por Machado de Assis no *Jornal das Famílias*. Esse apareceu entre setembro e outubro de 1877 e foi assinado por Victor de Paula. Nesse conto, encontramos D. Joana, uma personagem feminina que trabalhava na casa do septuagenário João Barbosa. Essa relação de trabalho começou quando João Barbosa “lembrou-se de inserir nos jornais um anúncio declarando precisar de uma senhora de certa idade, morigerada, que quisesse tomar conta da casa de um homem viúvo”. D. Joana começou mentindo a idade, e ainda assim não contou com a aprovação da família do anunciante, que se resumia a dois sobrinhos. Assim foi descrita a personagem:

Esta D. Joana era uma senhora de quarenta e oito anos, rija e maciça, que durante dez anos dava ao mundo o espetáculo de um grande desprezo da opinião. Contratada para tomar conta da casa de João Barbosa, logo depois de enviuar, entrou ali em luta com os parentes, do velho, que eram dois, os quais fizeram tudo para excluí-la sem conseguirem nada. Os dois parentes, os vizinhos, finalmente os conhecidos criam firmemente que D. Joana aceitara de João Barbosa uma posição equívoca, embora lucrativa. Era calúnia; D. Joana sabia o que diziam dela, e não arredava pé. A razão era que, posto não transpusesse uma linha das fronteiras estabelecidas no contrato verbal que precedeu a sua entrada ali, contudo ela esperava ser contemplada nas últimas disposições de João Barbosa; e valia a pena, em seu entender, afrontar os ditos do mundo para receber no fim de alguns anos uma dúzia de apólices ou uma casa ou alguma cousa equivalente. Verdade é que o legado, se fosse de certa consistência, podia confirmar as suspeitas da sociedade; D. Joana, entretanto, professava a máxima extremamente salutar de que o essencial é andar-se quente, embora os outros se riam.¹⁸

Pode-se observar aqui outra barreira que as mulheres trabalhadoras precisavam transpor: quando serviam como criadas, poderiam ser confundidas com prostitutas ou amásias. Mesmo com a idade já avançada, D. Joana não era vista com bons olhos nem pela vizinhança, que gostava de falar da vida dos outros, nem pelos parentes de João Barbosa, que estavam mais interessados na herança do tio. A personagem decidiu enfrentar tudo aquilo e durante mais de dez anos cuidou daquela casa e do seu dono com o maior esmero. Teve seus planos interrompidos, porém, com a possibilidade de João Barbosa contrair novas núpcias. Além de perder qualquer participação na partilha da herança, D. Joana ainda correria o sério risco de ficar desempregada, caso aquele matrimônio viesse a se realizar. No mês seguinte, a narrativa mostrava o acordo feito entre a empregada e o sobrinho do velho rico, com o objetivo de impedir aquele casamento. Para tanto, D. Joana aproveitava-se da sua situação e usava a voz mais doce que podia e tantos outros gestos calculados para se tornar imprescindível naquela casa e também para destruir a imagem de sua concorrente. Finalmente conseguiu não só impedir que João Barbosa se casasse com a outra, mas também marcou o seu próprio matrimônio com o velho. Na última cena do conto, ou seja, naquela em que o casamento dos dois iria ser realizado, D. Joana encontrou seu futuro esposo morto no escritório: “A morte o tomara; era a melhor das noivas”.¹⁹

A participação de Machado de Assis no *Jornal das Famílias* serviu, desse modo, para que o literato construísse personagens femininas pobres, que precisavam trabalhar, mas que viam no casamento a possibilidade de se dedicar apenas aos afazeres domésticos. Por sua vez, vimos que, quando o esposo não podia contratar uma criada nem tinha escravas, a vida de dona de casa parecia bastante atribulada. É interessante observar como o trabalho feminino

¹⁸ *Jornal das Famílias*. Setembro de 1877.

¹⁹ *Jornal das Famílias*. Outubro de 1877.

ganhava várias nuances dentro da própria revista. Poderia representar uma recompensa para uma menina esforçada e estudiosa, um distintivo, quando a mulher fosse convidada para participar de um grupo de escritores como o do *Jornal das Famílias*, e também um caminho para a sobrevivência. Machado de Assis mostrou em seus contos como o trabalho doméstico e em casas de famílias estava eivado de preconceitos, que poderiam ser confirmados, mas que serviam também para dificultar ainda mais a inserção daquelas mulheres nos mundos do trabalho. Cabe reforçar como uma revista, aparentemente voltada para as mulheres ricas e que não precisavam se preocupar em como ganhariam o seu próprio sustento, oferecia espaço para que os sentidos do trabalho feminino fossem discutidos, segundo perspectivas tão conflitantes. Restava às leitoras escolher como interpretariam aquela nova tendência, seja a de receber trabalhadoras em suas casas, seja a de ocupar os cargos de escritoras, criadas, costureiras, cozinheiras, pianista...

Fontes documentais

Jornal das Famílias — 1863-1878.

Referências bibliográficas

CUNHA, Olívia Maria Gomes da. Criadas para servir: domesticidade, intimidade e retribuição. In: CUNHA, Olívia Maria Gomes da; GOMES, Flávio dos Santos. *Quase-cidadão: histórias e antropologias da pós-emancipação no Brasil*. Rio de Janeiro: FGV Editora, 2007.

GARZONI, Leric de Castro. *Arena de combate: gênero e direitos na imprensa diária* (Rio de Janeiro — início do século XX). Tese (Doutorado em História Social da Cultura) — Programa de pós-graduação em História, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2012.

MACHADO, Maria Helena. Corpo, gênero e identidade no limiar da abolição: a história de Benedicta Maria Albina da Ilha ou Ouvídia, escrava (sudeste, 1880). *Afro-Ásia*, n. 42, p. 157-193, 2010.

MCCLINTOCK, Anne. Couro imperial — raça, travestismo e o culto da domesticidade. In: *Couro imperial: raça, gênero e sexualidade no embate colonial*. Campinas: Editora da Unicamp, 2010.

PINHEIRO, Alexandra Santos. *Para além da amenidade — O Jornal das Famílias (1863-1878) e sua rede de produção*. Tese (Doutorado em Teoria e História Literária) — Programa de Pós-graduação em Teoria e História Literária, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2007.

RONCADOR, Sônia. As criadas de Júlia: empregadas domésticas no imaginário literário da *Belle Époque* brasileira. In: *A doméstica imaginária: literatura, testemunhos e a invenção da empregada doméstica no Brasil (1889-1999)*. Brasília: Editora da UnB, 2008.

SILVEIRA, Daniela Magalhães da. *Contos de Machado de Assis: Leituras e leitores do Jornal das Famílias*. Dissertação (Mestrado em História Social da Cultura) — Programa de Pós-graduação em História, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2005.

_____. *Fábrica de contos: ciência e literatura em Machado de Assis*. Campinas: Editora da Unicamp, 2010.